

Correio das **Artes**

ANO
LXXIV

Nº
05



Julho
R\$ 12,00

Exemplar encartado no Jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes.



Os vários legados de **Raul Córdula**

Conheça a história do artista visual paraibano que, aos 80 anos de idade, segue produzindo e resgatando a própria história com a ajuda da internet. Em entrevista exclusiva, autor da obra 'EGO' fala sobre sua trajetória e reflete o papel da arte na sociedade: "Não há arte apolítica!"

suplemento literário
do Jornal A União
2023

Raul, um ser político

Seja como artista visual, memorialista, cenógrafo ou designer gráfico, a trajetória de Raul Córdula é única em sua multiplicidade de talentos e visão a respeito da arte. Raul, nascido em Campina Grande e criado no mundo, completou 80 anos em 2023, mantendo a produção em dia, mas, sobretudo, lutando por um país em que as pessoas reconheçam, nas expressões artísticas, um canal de informação e formação, formação esta, educativa, intelectual, social e política.

“Antes de ser artista, sou cidadão e, como tal, sou político”, respondeu o próprio Raul, em uma entrevista que fiz com ele, por e-mail, em maio deste ano exclusivamente para este **Correio das Artes**. Uma entrevista que mostra o Raul Córdula de 2023, o Raul com 80 anos de vida, 63 de carreira artística, e contando! São mais de seis décadas produzindo arte, valorizando-a, ensinando o fazer artístico.

Uma entrevista que mostra o Raul Córdula de 2023, o Raul com 80 anos de vida, 63 de carreira artística, e contando! São mais de seis décadas produzindo arte, valorizando-a, ensinando o fazer artístico

A entrevista é a espinha dorsal da reportagem que o leitor irá conhecer ao virar esta página. Mas foi fundamental, para compor um retrato do artista quando hoje, conversar com três artistas muito próximos à vida e a obra de Raul Córdula: Chico Pereira, Dyógenes Chaves e Flávio Tavares.

Esses personagens dão régua e compasso para que um dos maiores nomes das artes visuais da Paraíba tenha seu pensamento vivo e, principalmente, sua obra expostas nas páginas seguintes, de modo aproximar, ainda mais, leitores, amantes das artes e o povo paraibano deste filho ilustre.

índice

16 / resgate

Projeto universitário busca ressaltar o protagonismo feminino nas artes visuais da Paraíba.

24 / coluna

Na "Festas Semióticas" deste mês, Amador Ribeiro Neto avalia, a um só texto, obras de Czesław Miłosz, Contardo Calligaris e Rita Leo.

30 / conto

Psicoterapeuta, poeta, escritor e colunista do Jornal A União, Nelson Barros brinda esta edição com um conto inédito.

32 / coluna

Ao rés da página: Tiago Germano segue seu mergulho pelos costumes de uma Campina Grande, em mais uma "visita" nostálgica à Rainha da Borborema.

35 / artigo

Em artigo inédito, o magistrado e escritor Adhailton Lacet Porto fala do despreparo que muitos atendentes têm nas livrarias por onde passou.

37 / clarisser

Inspirada na obra de Milton Hatoum, a minissérie homônima "Dois Irmãos" é analisada, com lupa, pela colunista Analice Pereira.



SECRETARIA DE ESTADO
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio das Artes

André Cananéa
Editor do Correio das Artes

Paulo Sergio
Diagramação

Domingos Sávio
Arte da capa

Tonio
Ilustrações

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

As múltiplas faces de Raul Córdula

André Cananéa
Editor do Correio das Artes

Nascido em Campina Grande, artista paraibano chega aos 80 anos criando e administrando seu legado, construído ao longo dos últimos 60 anos, em vertentes que vão da cenografia à pintura, passando pelo design gráfico e a escrita

Nascido em Campina Grande, em 1943, Raul Córdula completou, em 2023, 80 anos de idade. Radicado em Pernambuco, estabelecendo-se inicialmente em Olinda, hoje mora em um sobrado no bairro de Casa Forte, no Recife, próximo a casa onde morou outro paraibano ilustre, Ariano Suassuna. Ativo e produzindo bastante, Raul celebrou as oito décadas de vida - completadas no dia 17 de abril - e 63 de carreira artística com a exposição 'Espaço-Tempo' na Galeria Amparo 60, na capital pernambucana, encerrada em junho.

"Minha primeira exposição individual foi em 1960, na Biblioteca Pública (de João Pessoa). Eu não era mais do que um menino, mas conto meu trabalho a partir daí, porque desde então eu não parei, até agora, quando estou fazendo uma exposição individual na Galeria Amparo 60, aqui no Recife", contou o próprio Raul, em entrevista ao **Correio das Artes**, em maio deste ano.

Segundo Raul, a Amparo 60 trabalha com artistas contemporâneos, "e eu me sinto honrado com isto", acrescenta. "A galerista é Lucia Santos que, além de muitas qualidades como pessoa da produção e comercialização da arte contemporânea, coisa que não é fácil, ela é filha de uma pessoa muito querida em João Pessoa - de resto em todo o Nordeste - que é a arquiteta Janete Costa", acrescenta.

Ele revela que tem vontade de realizar uma exposição também em João Pessoa, aliado a outras atividades que possam reunir artistas e público, como seminários, oficinas etc. e ainda em Campina Grande, onde nasceu. "Gostaria

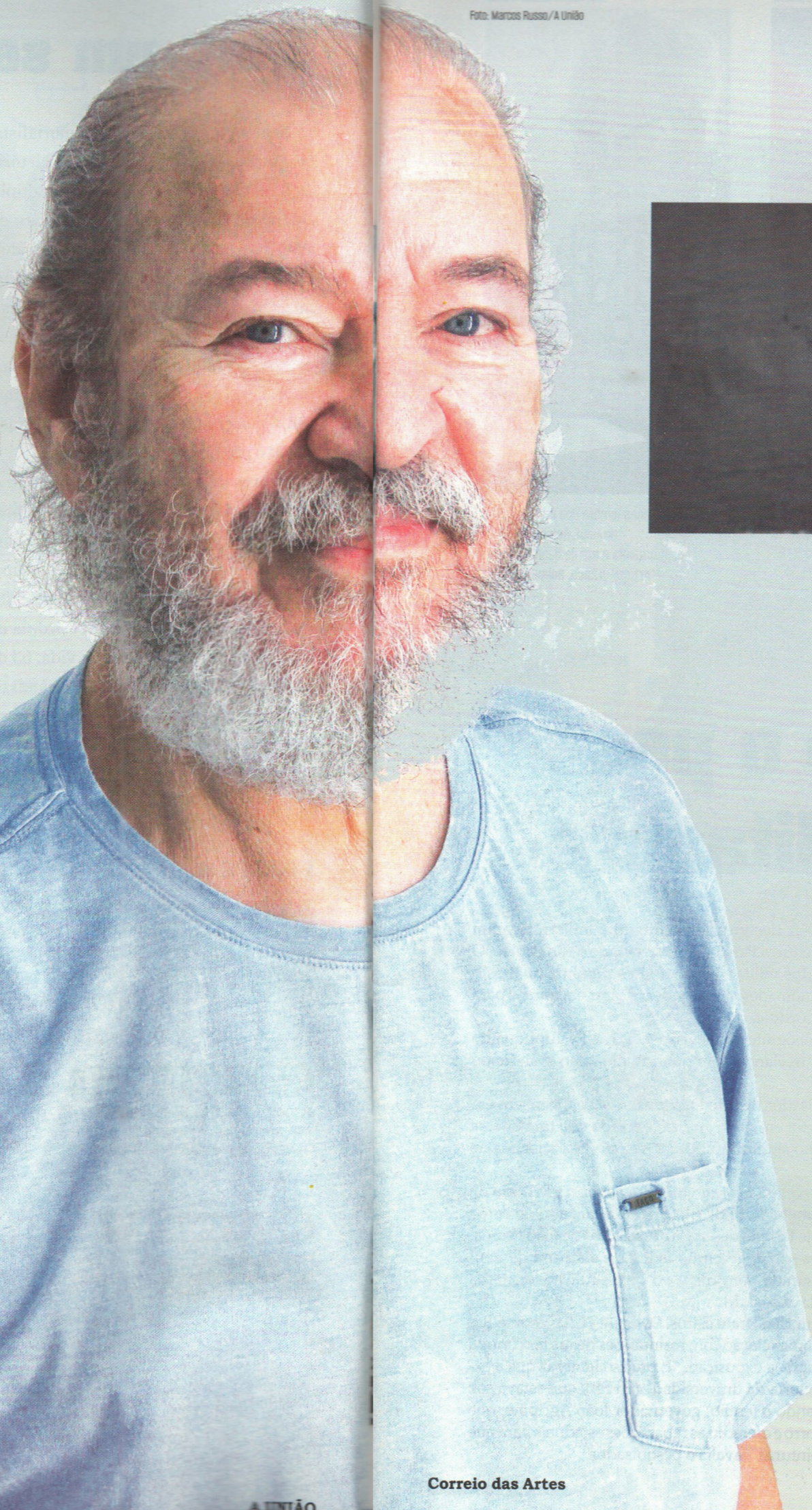


Imagem: Reprodução/Acervo Raul Córdula

Bandeira do EGO, uma das pinturas mais conhecidas de Raul Córdula: segundo o autor, obras atendem a uma compreensão mais simples, mas nem por isso inferior

muito de fazer uma palestra no colégio que tem o nome de meu pai (Escola Estadual Raul Córdula, no Cruzeiro), falar sobre a arte realizada na Paraíba".

Raul lembra que foi na Rainha da Borborema, em 1967, que ele teve a oportunidade de realizar algo que julga deveras importante: a implantação do Museu de Arte Assis Chateaubriand. "Eu estava em meu trabalho, no Rio de Janeiro, quando lá chegaram, a minha procura, o empresário Edvaldo do Ó e meu pai, para me convidarem para deixar meu emprego na TV Tupi e ir trabalhar para a implantação do museu em Campina Grande. Saí da TV Tupi e me engajei naquele projeto com a finalidade de trazer o museu para Campina Grande, e ele foi instalado lá. Conte, já naquela época, com o apoio do amigo Chico Pereira, que, aliás, me sucedeu na direção do museu", recorda.

O artista também destaca a importância do acervo do Museu Assis Chateaubriand: "Ele se caracteriza pela arte de vanguarda da época, com artistas franceses e brasileiros, onde destaco Gaëtis,

Alan Jaquet e Foldes, da França, representantes do movimento 'nouvelle figuration', e Antônio Dias, Rubens Gerchman e Anna Maria Maiolino, do movimento 'nova objetividade', do Brasil, além de obras de grandes artistas brasileiros".

O paraibano é taxativo ao afirmar que o Museu Assis Chateaubriand tem um dos melhores acervos de arte brasileira de seu período vanguardista dos anos de 1960. "E também tem a participação de artistas franceses que fizeram parte do movimento 'Olho de Boi', no qual atuou a galerista brasileira Cerres Franco", acrescenta.

Raul segue: "No Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris, alguns dos artistas que integram o acervo do Museu de Campina Grande têm obras expostas. Na sala dedicada ao crítico francês Pierre Restany, existem obras de Genovés, Alan Jaquet e Foldes, artistas que estão no museu campinense. É absolutamente preciso que este museu tenha vida e seja animado, e que tenha segurança também, pois é um patrimônio importante da arte na Paraíba".

Geração 59

Filho do professor Raul Marinho Figueiredo Córdula com Elizabete Trevas Córdula, Raul Córdula Filho saiu de Campina Grande com apenas três anos de idade para morar, junto com a família, no Rio de Janeiro. “Ficamos lá entre 1946 e 1957, quando voltamos para a Paraíba, pois meu pai foi convidado, e aceitou, para dirigir o Colégio Estadual de Campina Grande”, recorda Córdula Filho.

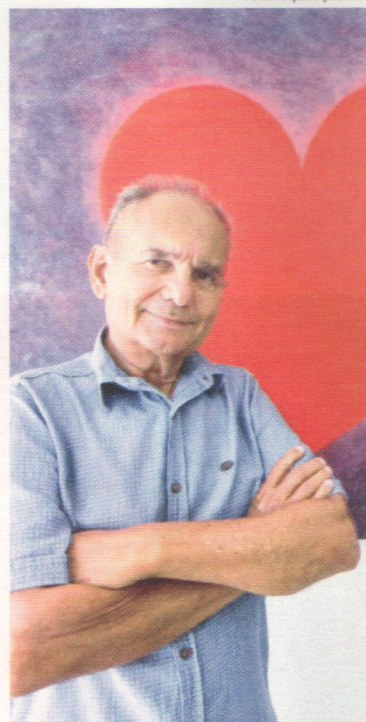
O artista diz que em 1958, a convite do então governador Pedro Gondim, Raul Córdula pai foi dirigir a Rádio Tabajara e, em seguida, a Divisão de Documentação e Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, órgão estadual responsável por políticas públicas na área, como as semanas de teatro, que aconteciam anualmente, a edição do Boletim de Cultura (impresso nas rotatórias de A União), as projeções de cinema em cidades do interior (a partir do Cinema Educativo, dirigido por João Córdula, tio do artista) etc.

“Destaco a edição de uma antologia de poemas do grupo Geração 59, onde estavam obras de Vanildo Brito, o líder do Grupo, Jomar Souto, Clemente Rosas, Jurandy Moura, Luiz Correa e Ronaldo Cunha Lima”, acrescenta Raul.

Amigo, contemporâneo e ex-vizinho de Raul Córdula em Campina Grande, o também artista visual e pesquisador Chico Pereira recorda que, muito jovem, Raul Córdula Filho já circulava nos meios intelectuais do estado. “Quando Raul tinha por volta de 18, 19 anos de idade, ele já era contratado pela UFPB para ajudar a criar o então departamento cultural da universidade, no reitorado de Mário Moacir Porto. Então Raul, muito jovem, já circulava no meio intelectual da Paraíba e passou a se integrar àquilo que depois veio se chamar Geração 59”, atesta Pereira.

Para o pesquisador, a chamada Geração 59 fez emergir uma literatura nova na Paraíba, “uma literatura e uma poesia que fugia dos padrões ainda de influência modernista”, acrescenta. “Então podemos dizer que essa coisa (de arte) contemporânea começa com a Geração 59, e Raul está no meio, mesmo muito jovem, afinal ele era o ilustrador desses poetas, desses escritores”, conclui Chico Pereira.

Foto: Arquivo pessoal



Chico Pereira: “Raul é um intelectual completo, porque ele lê, escreve, pensa e faz”

Foto: Roberto Guedes/A União



Dyógenes lembra dos multitalentos de Raul, que passam por memorialista e até designer de joias: “Artista gráfico, acima de tudo”

Sob o peso da ditadura

Os tumultuados anos 1960, decorrentes da ditadura militar, levaram Raul Córdula Filho a morar entre a Paraíba, Rio de Janeiro e São Paulo. “O acontecimento de 1964 (o golpe militar que instituiu a ditadura no Brasil) fez de nós, artistas, criaturas nômades, e eu tive de me virar em muitos para sobreviver”, comenta Raul Córdula.

No Rio, ele chegou a ser cenógrafo de televisão (tanto na TV Tupi, quanto na Globo), trabalhou como “freelancer” em publicidade e não abandonou as artes plásticas.

O artista visual e pesquisador de arte Dyógenes Chaves, também em entrevista ao Correio das Artes em maio de 2023, recorda que foi por essa época que Raul Córdula Filho ajudou a fundar a Associação Paraibana de Artistas Plásticos (APAP).

De volta à Paraíba, ele recebeu um convite para expor na Reitoria da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), um prédio localizado no então Parque Solon de Lucena (hoje Parque da Lagoa), no Centro de João Pessoa. Corria 1968 e a UFPB estava sob intervenção federal, e a mostra de Raul Córdula acabou sendo censurada por ordem do Conselho Universitário, no dia seguinte à abertura da exposição.

Os motivos da censura nunca ficaram claros. Dyógenes Chaves acredita que o veto possa ter tido alguma relação com insinuações de nudez contida na série de telas que compunha a exposição. “É preciso lembrar que a exposição estava no hall da reitoria da universidade (UFPB), que estava sob intervenção federal. Foi quando o (então) governador João Agripino, que era de esquerda, veio ao socorro e ofereceu as repartições estaduais para que ele expusesse sua série de pinturas”, avalia o pesquisador.

Para o especialista Chico Pereira, a obra de Raul Córdula tem marcas abstracionistas, carregadas de simbologia e misticismo

Imagem: Reprodução/Arquivo Raul Córdula



Ainda de acordo com Chaves, a exposição, que acabou ocorrendo no foyer do Teatro Santa Roza, também chegou ao Recife (PE), onde chamou atenção Gilberto Gil e Caetano Veloso, entre outros tropicalistas, como o professor Jomard Muniz de Brito. O pesquisador acredita que, de alguma forma, a arte de Raul Córdula tenha sido incorporada ao movimento de música e arte deflagrada em 1967, após o contato dos baianos com o trabalho do paraibano.

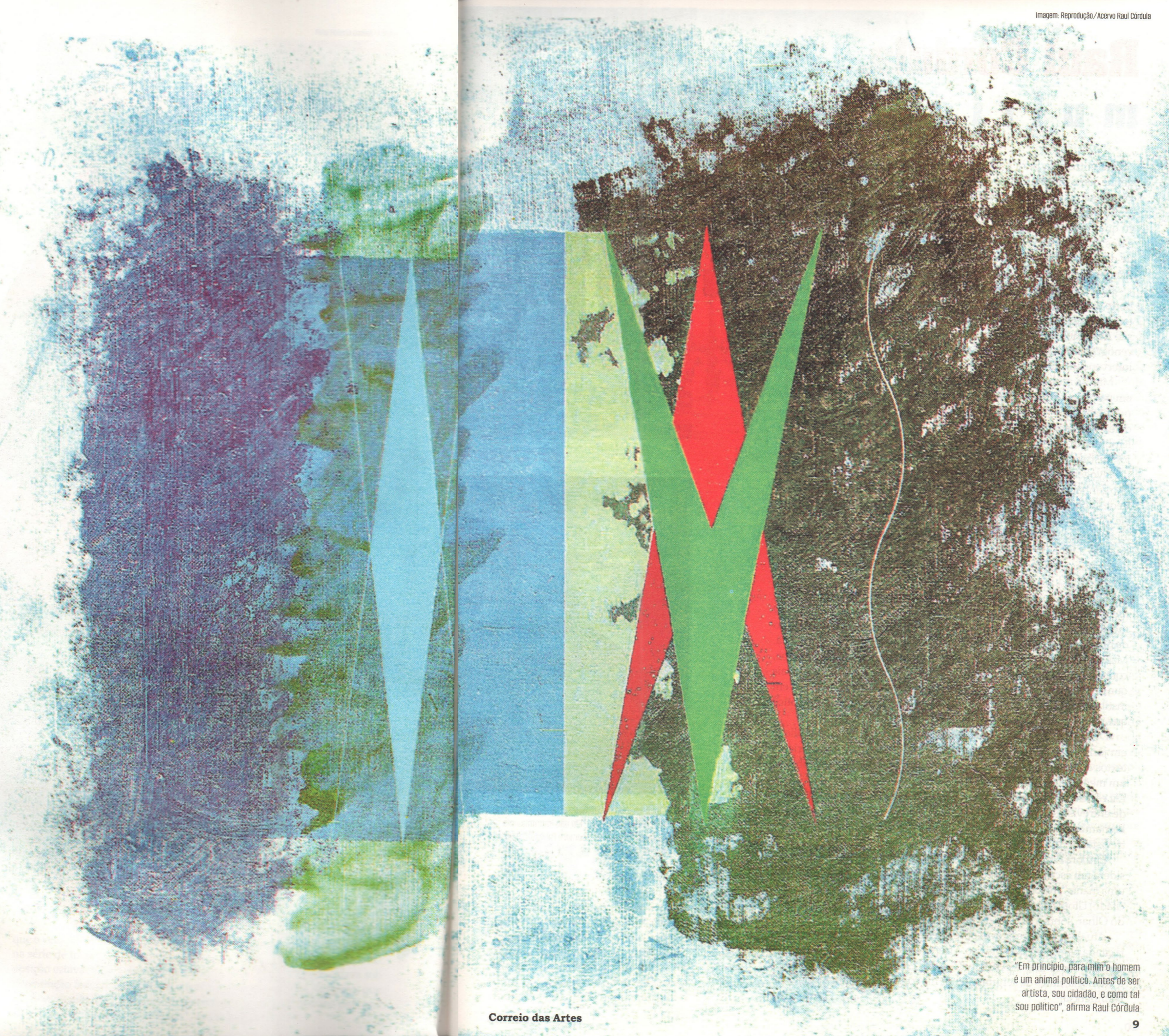
Raul conta que, após o episódio de censura na Reitoria, ele deixou João Pessoa mais uma vez. "Fui morar em Pernambuco", responde. Atuando no departamento de marketing da Rede Globo, foi convidado pelo diretor da emissora em São Paulo, Sinval de Itacarambi Leão, a secretariar o "3º Salão de Arte Global – O Artesanato e o Homem". "Lá fui eu enviado pela Globo para o México para entrar em contato com o Fundo Nacional de Desenvolvimento do Artesanato - Fonoarte, instituição mexicana que constava, simplesmente, de um banco de fomento para o artesanato", recorda.

A missão de Córdula Filho no México também incluía a participação na 9ª Conferência do Conselho Mundial de Artesanato. "A partir da credencial da Globo, minha missão era contatar o Sr. Thonatiu Gutierrez, o diretor do Fonoarte, para convidá-lo a inaugurar o Salão, que iria ocorrer em Recife. Minha participação nele foi, se houvesse o termo naquela época, a de um curador. Durante o trabalho de organização do Salão, apareceram convites para que eu permanecesse trabalhando no Recife, onde estou até agora".

As andanças de Raul Córdula pelo Nordeste levaram-no a diversas reflexões a cerca da arte. "É muito curioso como os estados nordestinos diferem entre si na questão da cultura, especialmente nas artes visuais", pondera. "Costumo analisar o Nordeste de uma maneira diferente da geografia política. Há um grande 'estado' nordestino que é o Sertão, que inicia no sul do Piauí e termina no Norte de Minas Gerais. Aí o Nordeste é um só, com sua cultura autêntica e formidável. Há também o litoral, com suas culturas diversas".

Ele avalia que alguns termos "confundem mais do que orientam", e cita como exemplo o Cariri, "que não é uma região geográfica, mas significa as terras onde os índios Cariris viveram". "Portanto, o Cariri Cearense é fértil e o Cariri paraibano é árido", compara.

Mergulhando um pouco mais na arte nordestina, ele ensina: "A arte produzida em Pernambuco, de forte tendência figurativa, em nada se compara com a arte do Ceará, onde, nos anos de 1950, os artistas mais importantes e prestigiados de lá eram Antônio Bandeira e Sérvulo Esmeraldo, dois artistas abstracionistas, um informal e outro geométrico. A Paraíba é um território de boa arte tanto acadêmica quanto moderna e contemporânea".



Raul Córdula, multiartista

Na entrevista para o **Correio das Artes**, Raul Córdula Filho se define como pintor. Mas os colegas artistas Dyógenes Chaves e Chico Pereira são categóricos em afirmar que ele vai além, é um verdadeiro “multiartista”, atuando em diversas frentes, seja como artista plástico que produziu pinturas e desenhos venerados em todo o mundo e dos mais diversos estilos; artista gráfico responsável por encartes de discos e livros etc; professor, curador e crítico de artes, ensaísta e memorialista.

Para Dyógenes, Raul é um artista gráfico, acima de tudo. “Ele fazia parte de um grupo de artistas que eram todos multiartistas. Naquele tempo, eles faziam pintura, escultura. As primeiras experiências dele são desenhos, mas ao longo dos anos, ele chegou a trabalhar com cenografia nos estúdios da Globo, fez designer de joias, esculturas, intervenções etc.”.

Mas há múltiplas pistas nessa carreira. Ele também desenvolveu, em paralelo à carreira de artista, uma carreira institucional, tornou-se professor da UFPB, escritor e crítico de arte. “Há livros que a capa é dele, o projeto gráfico é dele e o texto também”, ilustra Dyógenes, lembrando que ele chegou a integrar o citado coletivo literário Geração 59, ilustrando poesias de diversos integrantes.

Dyógenes também lembra a faceta de Raul com pedras preciosas. “Ao ganhar um prêmio de um salão de artes plásticas promovido pela Rede Globo Nordeste, ele ganhou uma viagem para a Europa. Então ele foi para Paris, encontrar a irmã Risoleta Córdula (1937-2009), e as joias produzidas por Raul Córdula acabam ganhando visibilidade quando a filha de Risoleta, sobrinha de Raul, passa a ser a modelo dessas joias, desfilando com ela. E a filha de Risoleta (a modelo carioca Cristina Córdula) é uma popstar na França”.

“Quem faz mural necessariamente não deixa de ser pintor”, comenta Raul, ao ser perguntado sobre seus múltiplos talentos. “O mexicano Rivera foi um grande pintor. Portinari também. E mais perto de nós, Lula Cardoso Ayres e Brennand nunca renunciaram à pintura. Mas não me acho um muralista. Tenho alguns murais em João Pessoa, como o da Assembleia Legislativa, feito em aço. Alguns dos murais que fiz aí foram demolidos. Aliás, algumas obras minhas aplicadas em instituições, parece que desapareceram, como é o caso de um tríptico que presenteiei à Biblioteca da UFPB”.

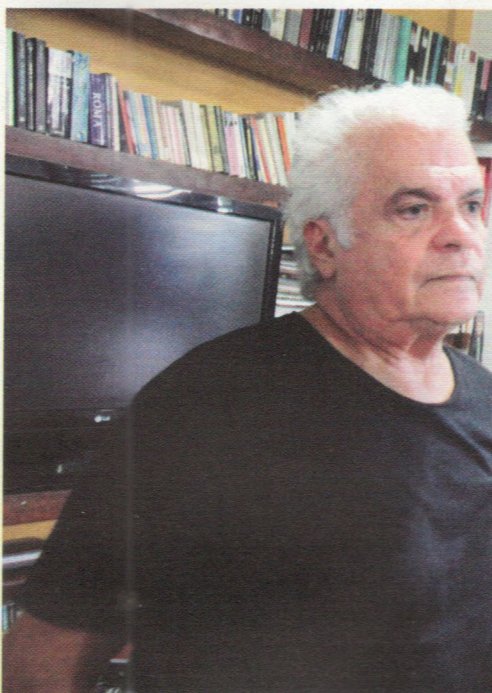
Dyógenes não deixa esquecer os textos que Raul Córdula publicou em jornais, revistas e suplementos de arte, incluindo uma série de textos críticos e históricos sobre a arte do Nordeste. “Raul também é um memorialista. Ele tem uma memória melhor do que muita gente. Ele escreveu um livro chamado Utopia do Olhar, fruto de uma série de entrevistas que ele fez com artistas e pessoas ligadas à cultura de Pernambuco. Cada entrevista genial... e ele entrevista não como entrevistador, mas como parceiro”, pontua Dyógenes.

Embora Raul Córdula tenha escrito e publicado livros, não se considera um escritor. “Escrever para mim é uma necessidade intrínseca, uma mania”, responde, “Mas cheguei a publicar alguns livros, como (o citado) Utopia do Olhar, sobre a arte e os artistas de Olinda, e Memórias do Olhar, sobre a década de 1960 em João Pessoa”.

Atualmente, ele escreve sobre artesanato e o que aprendeu em sua já citada passagem pelo México, à frente da representação Brasileira do Conselho Mundial de Artesanato, entre 1980 a 1985. “Meu interesse é a memória, antes de ser um escritor me considero um memorialista”, confidencia.



Foto: Divulgação/MAAC



Flávio Tavares, outro renomado artista paraibano, teve Raul como professor: “Ele não imprimia uma posição fascista na arte... sempre foi muito aberto à transpiração da arte”



Foto: Marcos Russo/A União

Raul Córdula ajudou a fundar o Museu de Artes Assis Chateaubriand, em Campina Grande, nos anos 1960: espaço foi criado com um dos melhores acervos de obras de arte de seu tempo, com trabalhos vanguardistas de artistas franceses e brasileiros

des. Ele sempre chegava para mim para dizer que descobriu um grande artista, um grande artista jovem, ou um grande artista maduro. A experiência crítica dele, não só como professor e artista, mas um estudioso da arte, ele tem sido um permanente descobridor de gerações de artistas”.

Flávio Tavares, outro renomado artista paraibano, foi um dos alunos de Raul Córdula Filho. “Conheci Raul, nós éramos muito jovens, ele com 19 anos de idade e eu com 15 (por volta de 1965). Ele era professor do setor de artes plásticas da UFPB, junto à Coex (Coordenação de Extensão Cultural), e ele foi meu professor durante anos, até 1967, 1968...”, relembra o artista, hoje com 73 anos.

Flávio destaca a abordagem do professor a respeito do ensino da arte. “Ele tinha abertura total, não interferia nas vertentes artísticas de cada um, ele não imprimia uma posição fascista na arte... ele sempre foi muito aberto à transpiração da arte”, declara.

Como professor, recorda Flávio Tavares, Raul Córdula gostava de ensinar os alunos de arte a verem, sobretudo a natureza, em aulas de campo pela Bica (hoje Parque Arruda Câmara), o Convento de São Francisco (ambos no centro de João Pessoa). “Ele tinha o naturalismo dentro dele”, afirma o ex-aluno, “Muita gente pensa que ele tem essa coisa fechada, de ser abstracionista, mas não, ele sempre foi muito aberto a arte e tem essa coisa da natureza dentro dele, incluindo a natureza arquitetônica”.

Revelando que sua primeira exposição coletiva, ainda adolescente, foi organizada pelo professor Raul na casa do maestro Pedro Santos, na avenida Santo Elias, centro de João Pessoa, Flávio Tavares admite: “Tenho certeza que aqueles anjos que eu faço até hoje têm relação com as aulas que eu tive com Raul na adolescência”.

Professor

Chico Pereira acha importante lembrar, também, do Raul Córdula Filho professor de arte. “Um mestre, sempre dando de si o que ele sabia”, define o pesquisador. “Ele nunca foi o artista transitando no espaço da individualidade só, nem nunca foi o

artista individualista no sentido de que sua obra em si basta. Não, ele é um artista que multiplicador, porque além de defender sempre suas teorias estéticas e suas vontades estéticas, Raul sempre buscou reconhecer, nos jovens artistas, as suas potencialida-

É possível definir a obra de Raul?

Chico Pereira define a obra de Raul Córdula como abstracionista carregada de simbologia e misticismo. "É uma obra fincada nas raízes da Borborema, da nossa geografia, deste continente gigantesco, sul-americano, uma obra simbolicamente política", acrescenta.

Por obra política, Chico Pereira afirma que a arte de Raul é uma arte a serviço da liberdade e do progresso. "Sempre foi assim" – afirma –, "mesmo quando ele era um artista mais figurativo do que abstracionista, como hoje, podemos dizer que a obra de Raul sempre foi carregada de muita simbologia, da liberdade, da democracia e, acima de tudo, do novo. Raul sempre primou pelo novo, pelo moderno, aqui usando a palavra moderno não como modernista, mas como modernidade, aquele espírito permanente de mudança e atualização".

"Em princípio, para mim o homem é um animal político. Antes de ser artista, sou cidadão, e como tal sou político", comenta o próprio Raul Córdula, confirmando o engajamento de sua obra. "Não há arte apolítica, toda arte é política de alguma maneira. Uma música de câmara de Bach era uma rama

política para os poderosos da época. 'Aquele abraço', 'Alegria, alegria' e um solo de trompete de Chet Baker, ou a trilha sonora da novela, são armas políticas. Minha arte, que não se alia à facilidade de leitura da arte figurativa, é política de qualquer forma, pois somente é compreendida - e pode ser apreciada - se for pensada", explica.

Raul pondera, entretanto, que, eventualmente, cria obras que "atendem a uma compreensão mais simples, mas nem por isso inferiores", e cita como exemplo um desenho da mão de Lula e a série de pinturas que ele fez sobre a Bandeira do EGO, cuja obra principal integra acervo do Museu Nacional da República, em Brasília. Sobre a política atual, é lacônico: "Estamos lutando! Vamos à luta, companheiros...".

"Posso dizer, também, que Raul é um intelectual completo" – afirma Chico Pereira – "porque ele lê, escreve, pensa e faz. Então isso eu não diria naquele sentido kantiano, de querer que a cultura mude a sociedade, mas que a cultura possa ser uma alavanca de mudanças, pela liberdade, pelo pensamento livre".

Como artista gráfico, coube à Raul

Córdula deixar sua marca, também, na sede do Poder Legislativo Estadual. O pássaro que toma altura no espaço sideral e reluz no inox da logomarca da Assembleia Legislativa da Paraíba, como registrou, em texto, o deputado Gilvan Freire, então presidente da Casa de Epitácio Pessoa em 1993, quando a atual sede – e a obra de Raul – completavam 20 anos, é mais uma das obras marcantes do artista campinense.

"Utilizei um pássaro para simbolizar o homem, pois é habitante da árvore que ali representava a cidade. Mas pássaro também é símbolo de liberdade, assim como a Assembleia é lugar do povo", explicou Raul Córdula, à época, sobre sua própria obra.

O pássaro que Raul Córdula criou e permanece emoldurado, às vezes triste, às vezes prateado, toma por realidade esse curto espaço de tempo e talvez sonhando com sonetos Shakespearianos, tão óbvios como as tragédias e comédias do povo paraibano", pontuou o jornalista Kubitschek Pinheiro, genro do artista plástico, também por ocasião dos 20 anos da obra.

Fênix

Dyógenes Chaves se refere ao artista como uma fênix, em alusão a ave que ressurgue das cinzas. "Já aconteceu de sermos chamados à Olinda com urgência, pois Raul estava muito mal de saúde, e ele é um homem safenado, fez mamária, hipertenso, diabético... e quando chegamos lá, ele havia viajado para o Sertão. Havia saído para pesquisar sobre um documentário que ele fez para o filme Aruanda", relembra.

Chico Pereira atribui isso à positividade de Raul Córdula, "um ser sempre otimista", nas palavras do pesquisador. "Um ser que sempre achou que a vida é para ser vivida e para ser usufruída, se possível, de forma libertária, de forma libertária, vivendo os prazeres do dia a dia", detalha.

Para Chico, Raul Córdula sempre considerou a vida uma coisa prazerosa. "Mesmo nos momentos de profunda adversidade, eu não vi Raul reclamar da vida. Eu sempre o vi otimista, fosse nos momentos mais crítico de sua saúde, das suas finanças, das suas dificuldades pessoais, morais, existenciais, amorosas, Raul sempre foi uma pessoa a deixar o passado para trás, nunca foi de rememorar, de forma angustiada, o seu passado doloroso", afirma.

Características

O pesquisador Dyógenes Chaves comenta o universo estético que Raul Córdula abraça em sua obra: "Você pode encontrar em uma mesma obra uma abstração informal e uma geometria, então Raul é esse paradoxo, e tudo que você disser sobre a estética dele, ele é! Raul é a cara dos mil instrumentos. Amelinha (Amélia Couto, esposa do artista octogenário) diz que a obra de Raul é toda a obra. Então é provável que Raul não soubesse dizer qual é a obra mais importante dele".

Mas Chico Pereira elege a obra de Raul sobre o Planalto da Borborema, a obra mais importante do colega conterrâneo de Campina Grande, "porque é uma obra que ele vai na nossa geografia", justifica. "Ele pensa sobre a nossa geografia, mas ao mesmo tempo ele coloca a Borborema como um símbolo de altitude, de coisas grandes, de uma beleza que é o lugar que o sujeito nasceu".

Chico prossegue: "Raul é a pessoa que pensa no mundo, mas sem esquecer o lugar que nasceu, o lugar que ele aprendeu e o lugar que ele sempre contribuiu para essa permanente tese de modernidade. Então, eu acho que

esse ciclo na pintura figurativa, no abstracionismo e, de modo geral, na arte, que eu diria, assim, semiótica, uma semiologia da geografia que ele leva as últimas consequências, do seu habitat em forma de arte".

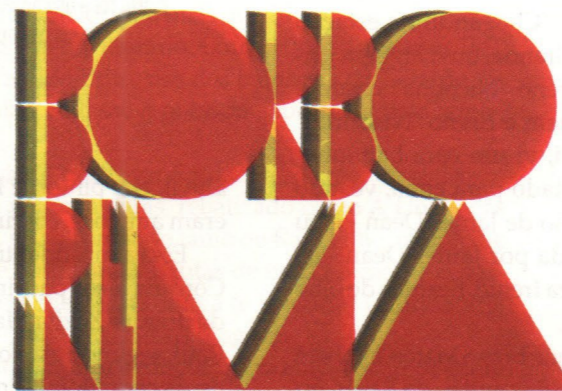
O crítico e professor de História da Arte Paulo Sérgio Duarte, em texto do ano 2000, reproduzido no catálogo deste ano da exposição "Espaço-Tempo" da Galeria Amparo, citada no começo desta matéria, afirma que a pintura de Raul Córdula mantém, há algumas décadas, duas características muito claras e nada simples: o atavismo ao ofício de pintar, isto é, o amor pelo fazer artístico – segundo ele, muito forte nos artistas nordestinos –, e a exploração do abstracionismo geométrico, responsável, junto com as correntes construtivas, por conquistas de novos patamares na arte brasileira desde a segunda metade do século 20.

"O encontro dessas características é complexo porque obrigou o artista, durante muito tempo, a ir contra a ideologia regionalista. (...) Ao não temer dialogar com uma linguagem que ultrapassava as fronteiras culturais mais imediatas, Raul Córdula recusou uma arte temática a favor de uma pesquisa essencialmente moderna. Criou-se um paradoxo: no ambiente que explorava suas idiosincrasias de modo generalizado quem se individualizava e contrastava isolada era a pintura de Córdula. Situação similar enfrentou Sérulo Esmeraldo no Ceará", escreveu o professor Duarte.



Foto: Divulgação/ALPB

Como artista gráfico, coube à Raul Córdula criar a marca da Assembleia Legislativa da Paraíba: "Pássaro também é símbolo de liberdade, assim como a Assembleia é lugar do povo", afirma o artista



Imagens: Reprodução/Acervo Raul Córdula

Borborema nomeia algumas obras de Raul Seixas, como a pintura ao lado (datada de 1975) e a escultura acima (deste ano): ele coloca a Borborema como um símbolo de altitude, de coisas grandes, de uma beleza que é o lugar que o sujeito nasceu

O acervo de Raul Córdula

Chico Pereira afirma que as obras de Raul Córdula estão “espalhadas pelo mundo”. Mas uma parte delas está, claro, com o próprio artista, que chegou a comprar de volta algumas telas das mãos de colecionadores. “Quando tenho dinheiro, eu compro alguma coisa. Faz parte do meu interesse pelo passado”, comenta.

O acervo particular de Raul Córdula está dividido entre ele, as filhas e o filho. “O resto eu vendo, como ocorreu, agora, na exposição que fiz na Galeria Amparo 60”, acrescenta.

Paralelo, há a Fundação Córdula (antes, Fundação Raul Córdula), que

é coordenado por Amélia Couto e o filho do casal, Cláudio Couto Córdula. “A fundação trata de projetos culturais como edições, por exemplo. Em junho, lançamos um livro que organizei sobre a obra do artista pernambucano Ismael Caldas, já falecido”, explica.

Raul Córdula também é um grande entusiasta da internet. “Quem iniciou como artista em 1960, só posso achar a internet, e de resto todo o aparato cibernético, a ainda a inteligência artificial, como uma maravilha”, comenta. “Tenho certeza de que as gerações recentes não avaliam o quanto mudou o mundo em gerações como a minha. Lembro

muito de Vanildo Brito e nossas conversas sobre cibernética – palavra que hoje já não se usa – e nos maravilhando com as possibilidades do futuro”.

Esse entusiasmo tem feito Raul procurar suporte para expor suas obras na internet, sobretudo no Facebook e no Instagram, onde disponibiliza imagens de suas obras acompanhadas de informações sobre a peça e histórias de bastidor acerca dela. “Estamos, eu e minha família, planejando esta tarefa, tenho alguma coisa pronta, mas há ainda muito a fazer”, responde, ao ser perguntado sobre a digitalização de ser acervo.

Raul Córdula e o teatro

A experiência com cenografia em televisão, ele conta, começou nas Semanas de Teatro da Paraíba, no início dos anos de 1960. “Meu cunhado, o ator e diretor mineiro Rubens Teixeira, que chegando ao Recife com a Companhia de Maria Dela Costa, conheceu minha irmã Leda e com ela se casou e aqui ficou”, conta, referindo-se ao diretor que antes de se mudar para o Recife, dirigiu peças na UFPB.

“Ele me contratou uma vez para fazer a cenografia de *A Farsa da Boa Preguiça* (de Aruano Suassuna), com Zezita Matos e Edinaldo do Egito. Esta foi minha primeira experiência com cenários. Mas depois da TV Globo, eu nunca mais fiz cenografia”, comenta.

Zezita recorda esse breve envolvimento de Raul no teatro. “Acho que foi a única peça na vida de Raul”, afirma a grande dama do teatro paraibano, também em maio de 2023. A atriz conheceu o artista visual em agosto de 1958. Ela lembra até o dia: “foi dia 14, 15... mais ou menos”, conta.

Zezita havia estudado no Colégio das Damas, em Campina Grande, mas já morava em João Pessoa, onde estudava no Liceu paraibano, quando embarcou em um trem rumo à Rainha da Borborema com a finalidade de participar de um encontro de estudantes. “Era a oportunidade de rever meus colegas do Colégio das Damas”, conta.

Chegando a estação de trem, ela viu, pela primeira vez, seu futuro marido:



Foto: Acervo Zezita Matos

Breno Matos (E) e Raul Córdula (de camisa escura) - com Marcos Tavares (D) na foto: pintor foi a única testemunha no casamento do escultor com a atriz Zezita Matos

Breno Matos. “Chegando na estação de Campina Grande, ouvi alguém gritar: chegou Breno ‘Nicotina’ chegou! Perguntei ‘quem é Breno ‘Nicotina’? Quando olhei, vi um cara baixinho, cabelinho cortado para cima, vestido com um blusão de James Dean - e eu era apaixonada por James Dean - ai, pronto! Daí pra frente, ficamos de olho um no outro”.

Acontece que Breno Matos, também artista plástico, era amigo de Raul Córdula, que costumava convidar o colega até sua casa para “dançar rock”, como recorda Zezita. “Começamos a namorar (Zezita e Breno), entrei para Juventude Comunista e me aproximei de Raul,

afinal, ele, pintor, e Breno, escultor, já eram amigos”, confirma a atriz.

Essa amizade entre o trio levou Raul Córdula a ser padrinho de casamento de Breno e Zezita Matos. E não só isso: Raul, segundo ela, foi o único convidado da cerimônia. “Em 1965, quando eu casei com Breno, a única pessoa presente no meu casamento foi Raul Córdula. O padre não queria fazer o casamento, mas acabou fazendo somente comigo, Breno e Raul”, conta.

Na trilha de Sumé

De acordo com Dyógenes Chaves, Raul Córdula tem participação fundamental em um dos discos mais lendários da música brasileira, Paêbirú: Caminho da Montanha do Sol, de Zé Ramalho e Lula Côrtes, aquele mesmo que a enxurrada de 1975, no Recife, levou boa parte da tiragem original embora, tornando os poucos exemplares que restaram, os LPs mais raros da história da música brasileira.

Segundo o pesquisador e artista plástico, coube a Raul apresentar à Zé Ramalho e Lula Côrtes as misteriosas e místicas itacoatiaras do monumento arqueológico paraibano, que se inspiraram as 14 faixas do álbum psicodélico. O artista gráfico havia conhecido a mística Pedra do Ingá através do professor Leon Clerot, engenheiro civil carioca, filho

de pai francês e mãe espanhola, que emigrou para a Paraíba na segunda metade dos anos 1940 e permaneceu por aqui até 1967, quando faleceu aos 78 anos de idade.

Diferente do que circula em alguns portais, no entanto, o encarte de Paêbirú não é de Raul Córdula Filho, mas de Katia Mesel, esposa de Lula Côrtes à época, esclarece o próprio artista paraibano. “Tem um desenho do próprio Lula e fotografias do irmão de Katia (Fred Mesel). O que eu fiz em relação ao disco foi uma espécie de curadoria, se o termo existisse na época, com um texto que inspirou o disco, além da minha participação na letra da primeira faixa, ‘A trilha do Sumé’”, revela, acrescentando que voltou à Zé Ramalho em A Peleja Do Diabo Com O Dono Do Céu (1979)

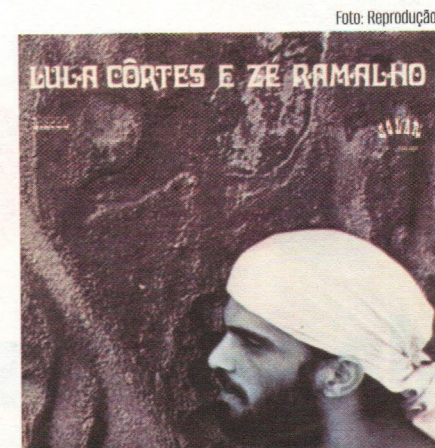


Foto: Reprodução

'Paêbirú': lendário LP de Lula Côrtes e Zé Ramalho tem curadoria de Raul Córdula, que chegou a participar da letra da faixa 'A trilha de Sumé'

No Correio das Artes

Em um tempo no qual as galerias não eram comuns e as páginas do Correio das Artes funcionavam como vitrine para muitos artistas locais, Raul Córdula também atuou no suplemento literário mais antigo do Brasil em circulação. Em matéria publicada no próprio Correio das Artes de março de 2019, por ocasião dos 70 anos da publicação, Dyógenes ponderava que artistas como Raul Córdula e Archidy Picado, por exemplo, davam expediente, ilustrando diuturnamente as páginas do Correio e também de A União. “Essa produção reflete muito a obra deles naquela época”, afirmou.

Na mesma publicação, o próprio Raul Córdula cravou: “O Correio das Artes e a Rede Globo foram as minhas duas escolas”, afirmou o artista, lembrando de sua passagem como cenógrafo na empresa de televisão. “Não chegaram a ser uma escola de arte, mas uma escola de produção”, esclarece. “Ainda hoje, eu sou mais artista gráfico do que pintor, embora toda a minha obra seja pictórica. E acho que isso foi fundamental, não só para mim, mas também para Archidy (Picado, falecido em 1985).

Raul Córdula Filho não tinha mais que 20 anos quando começou a atuar no suplemento literário. Corria o início dos anos 1960 quando o poeta Vanildo Brito, um dos baluartes da Geração 59, propôs que A União voltasse a publicar seu prestigiado suplemento literário.

Com uma força do professor Raul Córdula, pai do artista, o Correio das Artes voltou às ruas, rebatizado como A União nas Letras e nas Artes, sob o comando tanto de Raul Filho, quanto de Vanildo Brito, que definiam as pautas de cada edição (que passaram a sair semanalmente) na antiga (e lendária) Churrascaria Bambu, no Parque Solon de Lucena (Lagoa).

“Era tudo muito simples e ninguém era empregado. A gente fazia tudo de graça e vibrava quando saía uma edição”, recordou Raul Córdula, antes de acrescentar: “Eu fui mais influenciado pelo Caderno B (suplemento de cultura do diário carioca Jornal do Brasil) do que qualquer outra coisa. Para você ter uma ideia, o caderno era diagramado por Amílcar de Castro (escultor e artista plástico que revolucionou a diagramação de jornais no Brasil)”.



Foto: Reprodução/Instagram

23 curtidas

raulcordula.arte MEU AVÔ MATOOU UMA ONÇA - Guache e nanquim sobre papel, década de 1970. João Pessoa. Faz parte da série referente à aventura de meu avô, Dr. Vicente Cordeiro de Barros Trevas, contada a mim por seu filho, meu tio Edson Trevas, quando meu avô lutou e matou uma onça, com um tiro de espingarda e um facão de desmatar, na Serra dos Ventos, interior de Pernambuco. OUTUBRO 6, 2022

Entusiasta da internet, Raul Córdula tem apresentado sua obra às novas gerações a partir da internet. Em postagens como esta, ele revela curiosidades sobre seu trabalho